

Faculdades oferecem alternativas

CÍNTIA PARCIAS

O sonho de se formar pode acabar virando um pesadelo. Para se manter em uma faculdade particular, muitos alunos têm que apelar para o Crédito Educativo da Caixa Econômica Federal (CEF). Mas, o que na hora é um grande alívio no orçamento familiar, torna-se um peso a mais para o aluno após a formatura. Com as dificuldades de conseguir emprego com boa remuneração, em um mercado de trabalho fechado, o crédito apenas adia o problema, que pode até levar o nome do recém-formado para a lista de inadimplentes da Caixa.

Para dar uma alternativa aos estudantes, as universidades oferecem sistemas de bolsas, bem menos rigorosos e burocráticos. Ao contrário do que ocorre na Caixa, quem consegue uma bolsa não assina nenhum con-

trato e passa por uma triagem menor, concorrendo apenas com os alunos da própria faculdade. Os documentos exigidos são os mesmos que devem ser apresentados para conseguir o crédito da Caixa: comprovante de residência, comprovação de renda e as despesas familiares, atestado médico (em caso de doença grave na família) e qualquer outro comprovante que revele carência financeira.

Na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), mais de 2 mil alunos – cerca de 20% da receita da universidade – estão vinculados ao sistema de bolsa, que varia de 20% a 100% da mensalidade.

O principal diferencial da PUC é que o aluno não tem compromisso formal com a universidade. “Nosso contrato é moral. O estudante é quem deve nos procurar para dizer quando e como irá pagar”, explica o vice-rei-

tor comunitário Augusto Sampaio. Mesmo com o alto índice de estudantes que não retomam para negociar o pagamento, a PUC não pensa em mudar seu sistema. “Acredito que muitos dos formados não saldaram a dívida porque realmente não têm condições”, diz Sampaio, que aponta o desemprego do pai como principal justificativa dada pelos alunos.

Para conseguir uma bolsa na PUC, além dos documentos de praxe, o aluno deve apresentar uma cópia do último Imposto de Renda declarado por um de seus responsáveis (pai ou mãe). “A família pode estar passando dificuldades mas ter um grande patrimônio”, pondera o vice-reitor comunitário.

Na Faculdade da Cidade, o estudante tem mais de uma opção de desconto na mensalidade: a bolsa de estudo, a bolsa esportiva e o crédito

educativo. Nas duas primeiras, o aluno não precisa pagar a faculdade após a formatura. Já o crédito oferecido pela Cidade, que pode chegar a 80%, segue o mesmo modelo do da Caixa. “É uma alternativa menos burocrática e mais rápida”, diz o diretor de Desenvolvimento Institucional da faculdade, Paulo Alonso.

Se o recém-formado da Faculdade da Cidade não pagar as faturas, o destino é o mesmo dos vinculados à Caixa: a lista dos inadimplentes. O crédito da Cidade foi criado no ano passado, por isso ainda não há um levantamento do grau de inadimplência.

Já a bolsa esportiva é dada a qualquer aluno que defenda o nome da Faculdade da Cidade em, pelo menos, três competições semestrais de qualquer modalidade de esporte. Os estudantes que trabalham na faculdade, prestando serviço de 20 ho-

ras semanais, também recebem 50% de desconto.

A Faculdade Carioca também dá um crédito baseado no sistema da Caixa Econômica: um ano depois de formado o aluno começa a pagar, com juros anuais de 12%. A melhor opção, então, continua sendo a bolsa comunitária, que varia de 10% a 30%, exige nota mínima do aluno, deve ser renovada semestralmente, mas depois o beneficiário não precisa pagar nada.

Nas Faculdades Integradas Hélio Alonso, as bolsas de ensino são distribuídas pelo Diretório Central dos Estudantes. A faculdade libera uma cota específica por semestre, e os membros do DCE fazem a triagem dos alunos mais necessitados. Segundo o DCE, não existem reclamações de alunos sobre favorecimentos na hora da escolha. Atualmente, 360 estudantes contam com esta bolsa: